



A VOZ POÉTICA DE MYRIAN NAVES POTÊNCIA, CONCISÃO E CONSCIÊNCIA

Beatriz H Ramos Amaral

A relevância da voz poética de Myrian Naves se reafirma com engenho, arte e rigor, na fina trama polifônica que compõe o seu recente *Ensaio Urbano* (Inmensa Editorial, 2025, São Paulo). O livro – quase um álbum, pelo esmero do projeto estético – integra a coleção Infame Ruído, que tem publicado, nos últimos dois anos, obras de Gilberto Mendonça Teles, Vera Casanova, Romério Rômulo, Virna Teixeira, Ronald Polito, Brenda Marques Pena, entre outros igualmente importantes autores.

Ensaio Urbano divide-se em duas partes, *Ela* e *A Outra*. Na primeira, já desponta uma das singularidades merecedoras de destaque: a interação das linguagens fotográfica e poética. Ao congregar fotografias feitas pela autora, com intervenções realizadas com instrumentos eletrônicos - aos vinte e nove micropoemas que recebem expressivos títulos - *Acesso I*, *Menino*, *Acesso III*, *Chove*, *Saída I*, *Saída II*, *Saída III*, *Catraca* - o livro percorre o caminho da estação de trem e da estação metroviária da cidade de Belo Horizonte, como menciona a própria poeta, em nota introdutória, realçando, em linguagem concisa, a relação indivíduo/cidade, equação insolúvel de nosso tempo, delineada pelo paradoxo de presença/ausência.

Deste modo, Myrian Naves sublinha o processo de desumanização das urbes. A dificuldade, a quase impossibilidade de comunicação, é imperativa. A poeta a reconhece e retrata, mas contra ela se insurge, com bem dosada polissemia.

No segundo poema do livro, em uma imprecisão, a poeta se apropria da penúltima frase da tradicional oração para o anjo de guarda e escreve: *Menino / me guarda / me governa / me ilumina* (p.22). Nesta página, vê-se a fotografia de um menino agachado junto a uma das paredes da estação do metrô, com a mão direita sobre o joelho e o rosto apoiado sobre a mão. Ele está só. É a imagem nítida do estado de abandono em que, de formas diferentes, todos nós fomos lançados. Esta imagem se reitera nas páginas seguintes do livro, com aproximações e intervenções. Rasga-se a imagem. O desenho de

óculos surge na parede. O olhar não vê. Myrian é eloquente, no núcleo de sua concisão, ao escrever, :

Infância

: tempo nos olhos
olhos de enxergar
o que nos retrata (p.24)

Este jogo entre a sensibilidade de quem observa as mazelas da sociedade, de olhos abertos, e contra elas se insurge e quem nada vê e tudo ignora acaba por se reiterar em várias oportunidades, sendo uma das tônicas da obra. Como bem salienta Anelito de Oliveira, na apresentação do livro, as palavras introdutórias da autora promovem a desautomatização do olhar do leitor, o que será “*fundamental para que estabeleçamos o elo entre o visível e o invisível, que, afinal, constitui o horizonte de expectativa do ensaio*” (p.9)

Em impactante sequência de progressões de imagem, cada poema da primeira parte do livro acompanha uma fotografia, compondo com ela um amálgama, gerador de um verdadeiro *tertium*, decorrente da íntima conjugação entre as imagens fotográficas e os poemas, o que nos remete ao pensamento de Adolfo Montejo Navas. Na obra *Fotografia e Poesia (afinidades eletivas)*, aludindo à concentração, como aspecto comum à poesia e à fotografia, disserta Adolfo:

Do ponto de vista do tempo, ambas são artes elegíacas, melancólicas do real. Ambas fixam vertigens. São artes idealistas nessa quimera.” (Ubu Editora, 2017, p.17)

Mas, em seu caráter fragmentário, ambas suspendem o tempo, interrompem-no, rasgam-no, rasgando também a linearidade e a estreiteza do pensamento racional. A arte de Myrian vai além. Consciente da potência de seus instrumentos estéticos, com eles navega intensidades altas, desvelando embriões de um possível devir. Ousa. Este o papel do poeta, na força da invenção. No trânsito poético, nos deslocamentos urbanos, Myrian Naves introduz o leitor na complexidade da teia de absurdos das indiferenças, das superficialidades e do isolamento presentes nas paisagens caóticas das grandes metrópoles, na contemporaneidade. E sua voz grita. Na concisão e

na elegância de uma dicção apurada, de um modo raro. Mas grita.

Passagem III

Transporte

olhos de não olhar

seres de não ser / o não-ser

subserviência

a caminho

É neste ponto que reside outra das extraordinárias singularidades da linguagem da autora. Em uma escritura que consubstancia o sentido do *ditchen*, a condensação que, em última análise, é a própria essência da poesia-concisão. O uso de figuras de linguagem é consciente e equilibrado e permite a expressão de denúncia, sendo predominantes as ironias, os paradoxos, as comparações e as metáforas. Na segunda parte do livro, *A Outra*, há sete poemas longos, nos quais cada frase mantém a linguagem de concisão, em instâncias de extrema musicalidade, como esta: *Encontro-me / e já não estou / Onde me reconheço / não sou mais* (p.54)

As muitas qualidades da linguagem de Myrian Naves deixam entrever a potência crítica – ínsita à verdadeira natureza da poesia – de seus anos de experiência como docente, ficcionista, editora, gestora e dramaturga. Organizadora das recentes coletâneas *Todos os Saramagos* e *Machado – ao mestre e seus infinitos*, ambas desenvolvidas juntamente com Leida Reis, a poeta é também pesquisadora e criou e dirige a *Cantaria Artes e Ofícios*, empresa que trabalha com as relações entre literatura, artes e educação. Na ampla gama de atividades, aprimorou o olhar crítico e, com notável lucidez, vem atuando propositivamente com vistas à redução das notórias lacunas e carências que, infelizmente, persistem e, por vezes, crescem, no âmbito da cultura e da educação.

Registra-se, mais, o ritmo certo da linguagem. Aliás, a sua habilidade rítmica e suas sutilezas intertextuais já foram anotadas por Antônio Torres, em texto inserido no livro anterior de Myrian, *Monami* (Ed. Literíssima, 2005), bilíngue (português-francês) em que um único longo poema-denúncia de imenso fôlego, reúne todas as características de uma poesia épica, nos termos da



bem lançada análise de Leila Mícolis. A obra recebeu excelente texto de apresentação de Alberto Pucheu.

Esta é outra das qualidades de Myrian Naves, a pluralidade de modos de dizer, de linguagens, de dicções. Pluralidade essa que, obviamente, se conjuga a uma extraordinária acuidade para a percepção da adequação de cada uma delas aos diferentes projetos e temáticas que elege. Sutilezas e ironias, clamores e imprecisões erigem a sua fala. A poeta navega e sabe fazê-lo, pois conhece a profundidade das águas, e nos oferta a todos o canto de uma voz impecável.

Ensaio Urbano é consolidação da maturidade de uma potência criativa excepcionalmente lúcida, sutil e crítica. Insere sua autora num lugar próprio e todo seu: ao lado de referências estéticas pioneiras, como Martha Rosler, Robert Frank, Barbara Kruger, e também de Paulo Bruscky, Sophie Calle e Luiz González-Palma. Myrian Naves recria os próprios e polifônicos caminhos, na condensação de figuras estéticas e na intersemiose dos processos de interação. Inserida em seu tempo, fiel ao melhor da tradição literária, lança-se à construção do futuro, do tempo novo que há de vir.

Beatriz H Ramos Amaral - São Paulo (SP) - é poeta, ensaísta, Doutora em Comunicação e Semiótica e Mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP. Autora de *Peixe Papiro* e *Os Fios do Anagrama*, entre outros.





NAVIOS DE PAPIRO

Raquel Naveira

É como se eu tivesse vivido no Egito Antigo. Se fecho os olhos, posso ver o rio Nilo, um dos maiores do planeta, fertilizando as bordas com uma lama pegajosa, onde brotam espigas de trigo e grãos de cevada. Os barcos alados, de duas velas, navegam cheios de pessoas, pedras para construção das pirâmides e dos templos, mercadorias. São navios de papiro, embarcações feitas de talos de papiro, calafetadas com betume. Levam embaixadores, mensageiros velozes a nações poderosas de homens altos, formosos, de pele negra e luzidia. Etíopes, talvez, pois governaram o Egito, em algum ponto entre o Nilo Branco e o Azul. Grandes cidades iam crescendo às margens do Nilo, essa fonte sagrada de vida capaz

de regar o deserto e fazê-lo florescer. Era tamanho o meu júbilo diante dessa cena que escrevi:

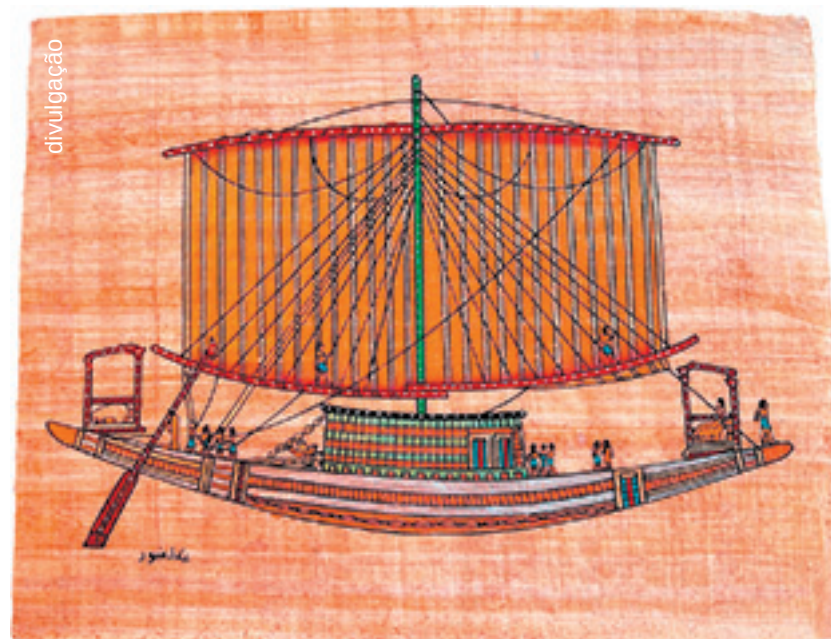
Meu dia é tranquilo
À beira do Nilo.

Passeio de barco
Entre aves
E papiros.

Saboreio vinhos em frescos jardins,
Enfeito-me com guirlandas
De rosas e alecrins.

O Nilo,
Aberto em delta,
É um deus de leis corretas
Que ama o trigo
E as festas.

O balcão me orienta
Para a variação da tarde,



É belo ver o sol no rio
Jorrando luz em cascata.
A morte não me preocupa:
Boas coisas me reserva
Meu túmulo imponente,
Na terra tudo é sonho e erva,
Justa é a acolhida no ocidente.

Meu dia é tranquilo
À beira do Nilo.

Mas, aos poucos, tudo mudou. Houve declínio. O fim dessa civilização aconteceu de forma gradual, com invasões de assírios, persas, macedônios, trazendo crises internas e perda de autonomia política. A era dos faraós foi sugada pelo sorvedouro do tempo. Uma nuvem de insetos roçou as faces, os olhos desenhados a carvão, as coroas de serpentes.

A figura mais famosa desse período melancólico foi a rainha Cleópatra. Ela tentou desesperadamente manter a independência do Egito por meio de alianças amorosas, primeiramente com Júlio César e depois com Marco Antônio. Foram derrotados por Otávio, o futuro Imperador Augusto, na guerra civil romana. A batalha naval de Áccio (31 a. C) selou a derrocada do poder de Cleópatra e Marco Antônio, que se suicidaram. Ah! Já posso imaginar a frota, o barco que conduzia o desgraçado casal. Cleópatra reclinada no seu divã dourado, de deuses entalhados. Marco Antônio na popa. Arcos e flechas cruzando os céus, chuvas de lanças, dardos com pontas

de bronze. No convés, homens com armaduras de linho endurecido se atirando sobre os soldados romanos. Todos empunhando clavas e adagas, rasgando corpos num banho de sangue.

Testemunhei tudo. Fascinada, coloquei esses nomes nos meus filhos: Augusto e Otávio. A filha, Letícia, é uma lembrança latina. Uma nota de alegria em meio a essa tragédia do fracassado Egito faraônico e a ascensão definitiva de Roma.

Acompanho o mover das águas quentes do Nilo. O governo egípcio é forte e militarizado. Controla o Canal de Suez e tem papel importante nas negociações sobre Gaza e o Oriente Médio. Milhares de refugiados solicitam asilo: sudaneses, sírios, iemenitas, somalis, ucranianos. O Egito sempre foi a rota de proteção para povos fuggitivos.

Os navios de papiro se deslocam ainda pelo rio Nilo, corredor natural, numa grande via de circulação humana, através dos séculos.

Raquel Naveira
- São Paulo (SP)
- é escritora e poeta.
Membro da
Academia de
Ciências de
Lisboa, da
Academia Cristã
de Letras de
São Paulo e da Academia
Sul-Mato-Grossense de Letras.



LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 160,00
Semestral: R\$ 80,00

Banco do Brasil: Conta 19081-0 - agência 0719-6 -

Banco Bradesco: agência 0165 - conta 0013923-8

PIX: rosani@linguagemviva.com.br

Enviar comprovante e endereço para
linguagemviva@linguagemviva.com.br

Celular e Whatsapp.: (11) 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Contato: Whatsapp (11) 97358-6255 -

linguagemviva@linguagemviva.com.br

Assinatura anual R\$ 160,00 e semestral R\$ 80,00

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impressão: *A Tribuna Piracicabana* - Tel.: (19) 2105-8555
Rua Tiradentes, 1111 - Piracicaba - SP - 13400-765.

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.



POÉTICA DA RECUSA E DA FRONTALIDADE

Ronaldo Cagiano

Se para o saudoso e com bativo poeta Lindolf Bell, “o lugar do poema/ é onde possa inquietar”, para Andityas (Soares de Moura Costa) Matos, autor de “Estupidez” (Ed. Impressões de Minas, 2023, 132 pgs.), uma de suas obras mais recentes, a poesia é também um espaço de permanente incômodo e desassossego. Uma escrita que, desde sua estreia nos anos 1990, vem percorrendo um caminho na contramão do que se transformou a literatura brasileira, hoje um território de exibicionismo nos desfiles *fashions* das feiras e festas literárias e quermesses de igual teor, que transformaram escritores em grifes, que não têm leitores, mas tietes e torcida organizada.

Em “Estupidez” Andityas reafirma sua insubordinação, pois seu compromisso não é com o mercado, mas com a linguagem. Recusa privilegiar o contexto (militâncias, bandeiras, origens e quejandos), mas o texto, ressignificando-o e revalorizando-o, num momento em que a palavra não importa, mas os holofotes e o deslumbramento é que contam. Uma obra que não teme desafi(n)ar o coro dos conteúdos e apesar do desencanto com que percebe os andores carregando santidades de barro, o poeta não se esquia (“a nós nos resta/ só/ sobreviver”); e em “Recita”, sinaliza, com um verbo que briga nessas trevas, que “eu vi mais/ longe/ do que o/ futuro” contrapondo-se a esse universo de poetas requentados de um presente mofado (“¿como não amar o ontem?”, indaga), que mira a vitrine e não a poesia como arte que sobreviverá aos modismos.

Esse conjunto de poemas vem refletir sobre temas que estão na ordem do dia, como o cinismo, a estupidez, os descalabros, a brutalidade dos tempos que correm na vida social e política tão acanhalada, mas o poeta se lança num discurso que não se apropria de fórmulas fáceis. Com uma semântica

muito singular, entre a erudição sem pedantismo e o coloquial com o olhar crítico, mergulha nesse mundo de contradições, sem perder as conexões com a realidade, pois como bem constata Iacyr Anderson de Freitas, “ao leitor, compreendido nestas páginas como um agente de significações, como um participante ativo do jogo lírico estabe-

lecido pelo poeta, caberá enfrentar as grandes perguntas”. Eis, na essência, o que compete à poesia como espaço de intransigência, de não acomodação e de questionamentos e insurgências, pois num tempo de tragédias que barbarizam

a humanidade, Matos vai na direção de Eugénio de Andrade, “a poesia, se não for o lugar onde o desejo ousa fitar a morte nos olhos, é a mais fútil das ocupações.”

Andityas não doura a pílula para ser absorvido pelas redes de influências e relacionamentos que dominam os círculos editoriais, os prêmios literários e paróquias acadêmicas com seus óleos de unção. Rema contra a maré, com escárnio, frontalidade e independência intelectual e crítica para afirmar que sua arte aparta-se dos favores do *establishment* e verniz do *mainstream*, hoje tão seduzidos pelo fetiche das mitologias e isso me faz lembrar o personagem Oscar Restrepo, do recente filme colombiano “Um poeta”, que denunciou em praça pública: “O mito é o consolo dos ignorantes”. Nessa mesma linha é os timbre aguerridos e sem dissimulação desse livro, pronto para desbancar com a ascendente estupidez do fazer poético, pois exorciza o que há de absurdo e desumano nestes tristes tempos. Doa o que e a quem doer.

Ronaldo Cagiano - Lisboa (Portugal) - é escritor e poeta brasileiro, autor, dentre outros, de *Eles não moram mais aqui* (Prêmio Jabuti, 2016).



Andityas Matos

O Tempo

Wilson Luques Costa

Hoje, acordei pensando que de fato o ano é uma invenção humana.

Não sei se boa ou má.

Mas é importante esse início e fim, porque encerra ciclos que psicologicamente reavivam os nossos sonhos e esperanças.

Se o tempo não tivesse um fim, provavelmente entraríamos num estado patológico pior do que vivemos.

Ao darmos uma torção no tempo, quebramos a continuidade e criamos uma ilusão que o tempo se renova, não obstante correr ledado ao estertor.

O tempo talvez não seja circular.

O tempo é talvez um rio de Heráclito infinito.

Mas apavora-nos não saber

em que mar vai dar.

Então pegamos de um ponto qualquer e uma torção fazemos; e fingimos para nós que tudo que vivemos foi um mero afluente.

E do ponto dessa torção lobrigamos novos afluentes, novos mares, novos rios; enquanto o mar de Heráclito vai fluindo, às vezes, caudaloso, feroz e para outros sereno.

E assim o mar heraclitiano vai, não obstante e apesar de nós.

Wilson Luques Costa - São Paulo (SP) - é escritor e professor. Formado em Jornalismo pela UMC/SP com especialização em Psicologia pela USP e em Filosofia pela Unesp.



Libélulas

Isabel Furini

falam que tenho olhos libélula, mas é um erro – das libélulas só emprestei um par de asas que o inseto consegue bater até 50 vezes por segundo asas rápidas e belas, com nervuras e sensores semelhantes as asas dos Anjos e dos Arcanjos - a mutação acontece enquanto durmo as omoplatas se transformam em asas de libélulas pois tenho alma de pomba gira e olhar de gaivota e, de madrugada, realizo voos rasantes sobre relógios rotos e mares de ilusões.

Isabel Furini - Curitiba (PR) - é escritora, educadora. Autora de *Os Corvos de Van Gogh* (poemas). Criadora do Projeto Poetizar o Mundo. Foi nomeada Embaixadora da Palavra pela Fundação César Egido Serrano (Espanha, 2017).



Sebo Brandão São Paulo

Compra e venda de livros usados em todo o território nacional. Fazemos encadernações.

Rua Conde do Pinhal, 92 - ao lado do Fórum João Mendes

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - sebobrandasp@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr





ESTÁ CONFORME, SEU LIBERATO

Edmilson Caminha

Faz algum tempo, afirmei: “*Dona Purcina, a matriarca dos loucos* (Teresina : Oficina da Palavra, 2012) é dos livros mais comoventes que já li. Cineas Santos o escreveu como filho dedicado e amoroso, mas também como o admirável cronista, o grande poeta que todos festejamos. Nas mãos de um escritor menor, a vida e a doença da mãe virariam texto piegas e melodramático, pois, segundo André Gide, é com bons sentimentos que se faz má literatura. Prosador brilhante, Cineas torna a figura materna personagem de vigor literário incomum, digna da Rachel de Queiroz de *O Quinze*, ou do Graciliano Ramos de *Vidas secas*, para lembrar apenas dois meses do romance nordestino”.

É o que agora repito, sem nada pôr nem tirar, sobre *Um homem exato*, memória com que Cineas faz reviver a figura do pai. Ao lembrar-lhe a morte, em 1984, apresenta-o completo, com a perfeição e a força que, falássemos de pintura, diríamos criação de Portinari:

Às quatro da manhã do dia 1º de maio, com muito sacrifício, levantou a cabeça e afirmou: “Dezinha, o Cineso deve estar chegando”. E calou-se. Terminava ali a trajetória de Liberato Francisco dos Santos, um sertanejo atípico: não fazia versos, não tocava viola, não bebia cachaça, não contava vantagens, não queimava a terra, não caçava, não pescava, não maltratava os animais, não castigava os filhos e não mentia. Trabalhava muito, comia pouco, dormia o bastante. Um homem sem transbordamentos. Um homem que cabia em si. Homem exato.

O nome do filho, incomum, fora dado pela mãe, de pronúncia difícil na boca do cidadão de poucas letras – era o “Cineso”, ou “Santo”, para descomplicar. Ao trazê-los do passado, o memorialista desce ao fundo de si mesmo para resgatar o menino que foi na pobreza do Caracol, interior do Piauí, com o baú de esperanças e de sonhos que carregaria para sempre. Nesse retorno, presta a homenagem a que têm direito Dona Purcina e Seu Liberato, exemplos de grandeza e

de sabedoria humana. Dos dois, Cineas recebeu a lição de dignidade de que o sustentou na luta, salvando-o da pequenez a que se condenava no sertão para se fazer intelectual de renome, escritor de primeira. Ficou-lhe, do pai, a lembrança do que verdadeiramente importa na condição humana, traços físicos, atitudes e dizeres que jamais se esquecem:

Seu Liberato era um homem corpulento, quase albino, feio. Não de uma feiura acintosa. Era lento nos gestos, mas firme. Era um homem de alegrias e tristezas brandas: nunca o vi eufórico nem colérico. Era morigerado, para usar um adjetivo de que ninguém se lembra mais. As chuvas brandas o alegravam. Acendia um cigarro e ficava pitando e esfregando as mãos. Às vezes se levantava, olhava a chuva e afirmava para ninguém: “É geral”. Entendíamos: estava chovendo no mundo inteiro. O maior elogio que concedia a qualquer coisa era “está conforme”.

Parece, mesmo, personagem de Graciliano, mas, agora me dou conta, menos por si mesmo do que pela descrição que lhe faz o filho. Cineas Santos escreve, como vemos, com a maestria e o rigor do alagoano: texto irretocável, prosa enxuta, seca, precisa, só pele e osso, com a magreza das cabras que tão bem simbolizam o meio e a gente do nosso Nordeste.

Aos 81 anos de uma vida estoica como a dos patriarcas bíblicos, Seu Liberato morreu cego. Imagino-o deitado na rede em que finalmente descansou da luta, alguém a ler o que sobre ele escreve o filho em *Um homem exato*. Diria, então, como o elogio maior capaz de fazer a Cineas Santos: “Está conforme”.

Edmilson Caminha - Brasília (DF) - é jornalista, professor de língua portuguesa e literatura brasileira, consultor legislativo da Câmara dos Deputados e membro da Associação Nacional de Escritores.



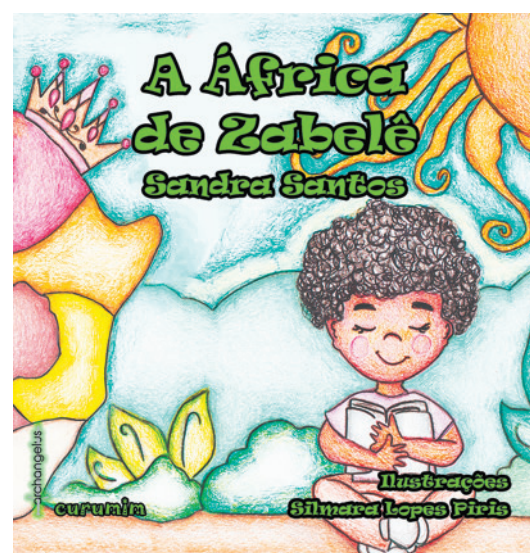
Edições Archangelus

FAMÍLIA DE TODA GENTE, de Silmara Lopes Piris, 44 páginas, São Paulo.

ISBN 978-65-5215-031-8

A autora é escritora, poeta, arte-educadora e professora de Arte na rede pública municipal e estadual de ensino. Formada em Educação Artística e em Pedagogia, com especialização em Aprendizagem da Arte e Cultura Contemporânea. Pós-graduada em Educação Especial e Inclusão.

Família de toda gente é um livro que fala sobre o respeito às diversidades, acolhe os tipos de famílias dizendo a todas que são bem vindas. Tem poder de identificação e, por meio da poesia, almeja quebrar estereótipos e preconceitos existentes, revelando quem somos com um pedido de urgência, no respeito à inclusão e ressignificação da nomenclatura família.



A ÁFRICA DE ZABELÊ, de Sandra Santos, selo Curumim, 32 páginas, São Paulo.

ISBN 978-65-5215-106-3

As ilustrações são de Silmara Lopes Piris.

A autora é escritora, professora e pedagoga. Formada em Pedagogia e Letras – Português e Inglês. Trabalha na empresa Secretaria Municipal de Educação de Itaquaquecetuba, Univesp Polo Itaquaquecetuba e na Prefeitura de Itaquaquecetuba.

Sandra Santos traz as histórias de Zabelê enraizadas na cultura afro-brasileira

e africana, com uma estrutura muito bem contextualizada, revestida da essência e do toque mágico da ludicidade, do ritmo e da brincadeira de ler que desperta o leitor, tudo que uma história infantojuvenil precisa ser e ter.

edições archangelus

Livros são para viajar, sem sair do lugar

Entre em contato
e conheça nossa proposta
para publicar seu livro

 (11) 99861-9450
  @edicoes_archangelus



COMO OUVIR SILÊNCIO DO PEITO E SENTIR AS MÃOS DE DEUS COM UM “GRITO CALADO”, DE PAULO REIS?

Luiz Otávio Olini

“A vida é um cheque sem fundo. / Há uma cobrança incessante, / não existe conta certa. / Não me importo, / a incompletude me completa.” (Paulo Reis)

“Grito calado”, livro de estreia de Paulo Reis, Rio de Janeiro, Ventura Editora, 2024, é obra de título paradoxal, em sentido amplo.

Convém, agora, esclarecer o que significa tal figura de pensamento.

De acordo com Rocha Lima estabelece, na *Gramática normativa da língua portuguesa*, prefácio de Serafim da Silva Neto, 33ª edição, Rio de Janeiro: José Olympio, 1996, página 516, seguem alguns conceitos:

“Paradoxo é a reunião de ideias contraditórias num só pensamento, o que nos leva a comunicar uma verdade com aparência de mentira.”

E que, por isso, “Todo paradoxo encerra, em última análise, uma antítese, porém uma antítese especial, que, em vez de opor, enlaça ideias contrastantes.”

Por outro lado, também será possível pensar em um oxímoro. Trata-se de figura que expõe palavras ou expressões de sentido contrário. Diante de um absurdo, a ideia é que o leitor busque um sentido metafórico nas contradições.

A título de ilustração, segue apenas a primeira estrofe de um dos sonetos mais famosos de Camões.

Todo o decassílabo foi escrito com base em oximoros, a saber:

Amor é fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer
(...)

Feitas tais considerações, percebe-se que a riqueza do título prepara o leitor para o discurso de vozes ora sufocadas, ora esmagadas, mas que necessitavam de certa audição. Tal tese será desenvolvida, a posteriori, no bojo da resenha em voga.

Na orelha da obra, Silvio Ribeiro de Castro elenca “poemas curtos e cortantes” com “mensagens diretas e certeiras”. Ou seja, eis um poeta que não desperdiça palavras, pois está “(...) em plena consciência do seu ofício”.

No prefácio, Tanussi Cardoso exalta a diversidade temática da obra de Paulo Reis.

Por meio de poemas curtos que remetem à fugacidade do tempo, devido à rapidez dos acontecimentos no cotidiano, é natural que não haja adornos ou firulas verbais desnecessárias nestes textos. Prevalecem a objetividade, os versos simples e a forma coloquial do texto.

A obra reflete, de acordo com o prefaciador, na página 18, que “(...) os poemas são veículos de crítica das injustiças sociais, das desigualdades, da corrupção e de várias questões políticas e sociais”.

Assim, a arte tem o condão de humanizar os leitores que se embrenham por este belo livro.

No que tange à estrutura dos textos, Tanussi cita a “cadência rítmica dos versos reforçada por repetições de sons e rimas internas”, o que evidencia a musicalidade e o cuidado linguístico com a palavra poética, ao trabalhar com a emoção.

A inquietação é recorrente nos versos, pois o poeta sabe que é através deles que se promove uma relevante reflexão existencial, ao fazer do silêncio um meio para pensar e resistir contra as impressões cotidianas.

Luiz Otávio Olini - Rio de Janeiro (RJ) - é professor e escritor.

Atual Diretor de Comunicação Social da APPERJ. Possui textos traduzidos

para inglês, francês, italiano, alemão, espanhol, holandês, romeno e chinês.

Publicou 25 livros, incluindo poesia, conto, crônica, teatro, literatura infantojuvenil, crítica literária e ensaios.



Ventura Editora



Antologia Celebração - Contos, organizada por César Manzollillo, Claudia Manzollillo, Jorge Ventura e Rivane Oliveira, Ventura Editora, 120 páginas, Rio de Janeiro. ISBN: 978-65-989796-8-3.

A capa é do artista plástico Ivo Mensch e a diagramação do designer gráfico Victor Marques.

A antologia reúne contos de César Manzollillo, Claudia Manzollillo, Jorge Ventura, Alexandre Brandão, Luiza Lobo, Renato Moura, Sonia Maria Mazzei, Renata Quiroga, Ana Gosling, Sílvia Ribeiro de Castro, Rodolfo Guimarães Neves, Maria do Carmo Bomfim, Abhay Zukoski, Almir Zarfeg, Celi Luz, Chicco Lacerda, Francisco Gondar, Ilze de Aragão, Izabel Teixeira, Jerônimo Campos, Laura Esteves, Luiz

Otávio Olini, Monica de Serpa, Priscila Fernanda, Suzana Jorge e Val Mello.

Antologia Celebração - Poemas, organizada por César Manzollillo, Claudia Manzollillo, Jorge Ventura e Rivane Oliveira, 88 páginas, Rio de Janeiro. ISBN: 978-65-989796-3-8.

A capa é do artista plástico Ivo Mensch e a diagramação do designer gráfico Victor Marques.

A antologia reúne poemas de César Manzollillo, Claudia Manzollillo, Jorge Ventura, Suzana Vargas, Tanussi Cardoso, Rubermária Sperandio, Vera Versiani, Suzana Jorge, Erivan Santana, Igor Fagundes, Delayne Brasil, Luis Otávio Olini; e dos poetas participantes Ana Gosling, André Caldeira, Angelina da Conceição, Angela Wains, Anna Maria Fernandes, Antonio Gutman, Celi Luz, Chicco Lacerda, Claudia Luna, Claudio Miranda, Dalberto Gomes, Dalmo Saraiva, Francisco Gondar, Iverson Carneiro, Izabel Teixeira, Jerônimo Campos, José Affonso, José Maneul Diaz, Kris Krisfree, Laura Esteves, Luna Magalhães, Marcelo Mourão, Márcio Catunda, Mary Trarbach, Neudemar Sant'Anna, Paulo Reis, Renato Moura, Renilson Durães, Rogério Salgado, Silvio Ribeiro de Castro, Sonia Maria Mazzei e Val Mello.



<https://www.lojaventuraeditora.com.br/>
<https://www.facebook.com/venturaeditora>

venturaeditora.editor@gmail.com



(21) 99962-6653 e (21) 99974-8655



EFÊMERO

Jorge Ventura

o prazer que não refuto
é adejo do desejo
a lágrima de alegria
do que é intenso e efêmero

e do meu íntimo átimo
a saber e a questionar
o quanto dura a paixão
será o tempo de um beijo?

mas na leitura do olhar
devo entender a lição:
como aprender a aceitar
o que me escapa das mãos

feito um poema em fuga

Poema de *Palavra & Poesia*
(Ventura Editora, 2018), musicado pelo
cantor e compositor André Marçal.

Jorge Ventura -
Rio de Janeiro (RJ) -
é escritor, ator, poeta,
editor, roteirista,
jornalista e publicitário.
(Facebook)
@jorgeventura4758
jorgeventura@terra.com.br



CÉU

Carlos Pessoa Rosa

as luzes
acesas nos prédios
espiam
interna solidão
fora a terra
produz fome e miséria
como cactos
a sobreviver no deserto

Carlos Pessoa Rosa -
Atibaia (SP) - é poeta,
escritor, contista e médico.
Autor de *A Cor e a textura
de uma folha de papel em
branco*, prêmio UBE/CEPE,
contos; *Sabenças*, prêmio
MEC de Literatura para
Todos, novela.



Letras

Flora Figueiredo

O tempo é um livro de páginas inclementes.
É preciso ler cada capítulo, com seu título
e as notas de rodapé.
Ainda que não se aprove o conteúdo,
que se leia tudo,
vírgula por vírgula, tintim por tintim.
O tempo aprendeu a ser assim,
com seu verbo sempre acelerado
a empurrar sujeito e predicado
para que o texto atinja seu final.
Se o tempo é um livro
de páginas inclementes,
não faz mal.
Eu leio a trama toda do meu jeito,
guardo o passado, meu pretérito imperfeito,
e abro o futuro numa página plural.

Flora Figueiredo - São
Paulo (SP) - é escritora,
compositora, cronista e
tradutora. Autora de *Chão
de Vento*. Exerceu o cargo
de vice-presidente da
Associação das Jornalistas
e Escritoras do Brasil.



Soneto à Casa Capitular de Mariana

J. B. Donadon-Leal

À chama a vela a luz à pedra a(s)cende
Insólita à viagem do argento astro
Calenta luz que cima o cimo mastro
A lua que do firmamento pende

E colada lua ao céu feito emplastro
Cura d'alma, luz a que a dor transcende
Finca sonho e desejo e denso lastro
Que em caminho iluminado se estende

E a prata da lua no azul desmancha
Minha dispersão no meu desespero
Reflexo inverso a prescindir do espelho

Por dissuasão lua se faz tempero
Que sobre o minarete a tênue mancha
Faz, círio sobre a Capitular, selho.

J. B. Donadon-Leal -
Mariana (MG) - é poeta,
ensaísta, Doutor em
Semiótica e Linguística
pela USP e Pós-Doutor
em Análise do Discurso
pela UFMG.



Sonhos Anêmicos

Rosani Abou Adal

O acampamento, a chuva torrencial
e o frio cortando sua alma.
Em pé na tenda,
a água invadindo seus sonhos,
congelando seu corpo.
O medo cortando suas esperanças,
os fragmentos desérticos do seu ventre
repleto de neve e pesadelos.
O sol há de nascer no amanhecer
para aquecer seus sonhos anêmicos.
Um raio de sol há de trazer
a paz de volta para seu lar.
Há de germinar sementes
para saciar sua fome
e aquecer os cristais de gelo da sua pele.
Há de despertar entre as águas que cobrem
seu corpo para aquecer sua família.
Há de sorrir versos no seu ventre
repleto de tristezas.
Esperança do novo amanhecer
sem bombas, mísseis e sem guerras.
Dormiu na posição vertical,
com os pés congelados,
sonhou e sonhou.
Entrou nos destroços da sua casa,
sentou com sua família no sofá imaginário.
Estavam num castelo repleto de flores,
paz e esperanças.
O sol encantar o novo amanhecer.
Seus sonhos anêmicos despertarão
para mais um dia de medo e esperanças.



Rosani Abou Adal - São
Paulo (SP) - é escritora,
editora e jornalista. Membro
da Associação Nacional
de Escritores e da
Academia de Letras de
Campos do Jordão.

www.poetarosani.com.br

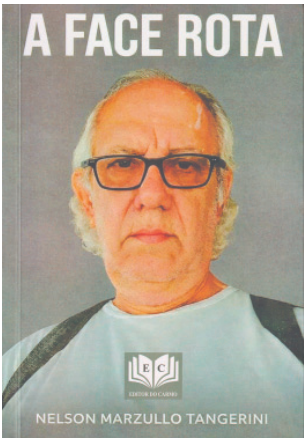
Tão doce a lavanda,
trazendo na floração
o esmalte do céu!



Márcio Catunda - Rio de Janeiro (RJ) - é
escritor, ensaísta, romancista e diplomata.
Membro da Associação Nacional de
Escritores, do Pen Clube do Brasil
e da Academia de Letras do Brasil.



Livros



A Face Rota, poemas de Nelson Marzullo Tangerini, Editor do Carmo, Brasília (DF), 150 páginas.
ISBN: 978-65-01-94868-3.
O autor é escritor, poeta, ensaísta, professor, jornalista, compositor, fotógrafo e membro da Associação Nacional de Escritores e da União Brasileira de Escritores.
A obra abriga fotos históricas do autor e de familiares. Reúne poemas que traçam um percurso referente à história, memória e consciência humana.
Nelson Marzullo Tangerini:
nmtangerini@yahoo.com.br

Meu Pensar II, poemas de Carlos Mahlungo, Edição Sarau do Manoélio, São Bernardo do Campo (SP), 124 páginas.
ISBN: 978-65-979154-0-8.
As ilustrações são de João Carlos Amazonas. A capa é de Amanda Sales.
O autor é poeta, compositor, músico, violonista e cantor. Autor do livro de poemas *Meu Pensar*. Gravou os CDs *O Profeta*, *Canto Livre*, *Terra Mãe*, *Seres e Mistérios*. O CD *Faladores de Belezas* foi realizado com a produção geral do maestro Vidal França (1946 - 2022).
Segundo Manoel Alves Hélio, na orelha do livro: "O autor com sua escrita carregada de particularidades e vivências intensas, apresenta um mundo totalmente novo, onde você precisa estar com os olhos e a mente aberta para saciar desta fonte inesgotável."
Carlos Mahlungo: (11) 98547-9503



O Casaco Marrom, contos de Cláudio Feldman, Editora Taturana, Santo André (SP), 80 páginas. ISBN: 978-65-01-83283-8.
As ilustrações são de Perkins Teodoro Moreira.
O autor é escritor, professor aposentado de Língua & Literatura e membro da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura (Rio de Janeiro) e da Academia de Letras do Brasil (Brasília).
A obra reúne contos escritos, da época atual e de outras épocas, com uma unidade temática que retrata personagens de baixa renda, em seus conflitos, sem paternalismo e desvios de uma realidade cruel.
Cláudio Feldman: (11) 94052-6698.



Mulheres na Educação – Edição Poder de uma História – Vol. II, dirigida por Andréia Roma, várias autoras, selo editorial Série Mulheres, Editora Leader, São Paulo, 289 páginas. ISBN: 978-85-5474-400-7.
Andrea Aydar, Rosani Maria da Rosa e Sibeli Borba são as coordenadoras.
A obra reúne as histórias e trajetórias de mulheres que atuam na educação. O volume dois conta com as participações de Andrea Aydar, Sibeli Borba, Camila Nogueira, Carine Cardoso, Carla Letícia Alvarenga Leite, Claudia Meucci Andreatini, Eliana Cassia de Souza, Elizandra Bianchini, Fátima Sousa, Izabel Cristina Batistel Gardin, Janinne Lima Duarte Mourão, Juliana Esmeraldo Godoy, Karla Bruna Mormino, Marcela Bortotti Favero, Milena Fiuza, Paula Souza, Sâmia Nagib Maluf e Tatiana Araujo das Neves.
Editora Leader: www.editoraleader.com.br

O Menino e as Sombras do Menino, contos, Evaldo Balbino, Editora Mondru, 216 páginas.
O autor é escritor, poeta, mestre em Literatura Brasileira, doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais, professor do Mestrado Profissional em Letras (na Faculdade de Letras), pós-doutor em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo e membro da Academia de Letras de São João del-Rei – Minas Gerais.



Os 16 contos de *O menino e as sombras do menino* textualizam-se como narrativas atravessadas pelo processo memorialístico, processo esse em que a infância é o fio condutor. Assim, os enredos retomam, com poesia e densidade psicológica, fatos e sentimentos, leituras e percepções do ponto de vista da infância, e pontuam como tudo isso reverbera nas vozes narrativas. As relações entre a criança e o adulto, os espaços e as vivências que os transformam em paisagens lidas e sentidas, a presença da morte na vida, a fantasia e o medo, o desejo de amar e o de ser amado, a complexidade da mente infantil, os casos e causos de assombrações, a arte e suas (im)possibilidades de representação, a solidão e o vazio, a ruína e a construção, a permanência do infantil no adulto, o altruísmo e o egocentrismo, a maternidade e a paternidade, os desejos homoafetivos – tudo isso é abordado pelos contos, tendo-se a infância como eixo central. São narrativas de plenitudes e de vazios, de afetos e de desencontros, de busca, enfim, das subjetividades que se percebem existindo já desde a mais tenra idade.
Editora Mondru: <https://mondru.com/>

LINGUAGEM VIVA

Apoia a campanha da Academia Piracicabana de Letras

Canto do Alaúde

poemas de **Rosani Abou Adal**

Está à venda no

Sebo Angelo Agostini Galeria Nova
Barão - Loja 63 - Rua Barão de Itapetininga, 37 - (11) 99686-4895
Livraria Unesp - Praça da Sé, 108 - (11) 3107-2623

Pedidos pelo WhatsApp (11) 97358-6255



Rosani Abou Adal e
José Eduardo Mendes Camargo

José Eduardo Mendes Camargo, escritor, poeta e presidente do Instituto Usina de Sonhos, lançou *Entre lutas e versos*, sua biografia organizada por Cássia Fragata, no dia 22 de junho, na FIESP, em São Paulo. O biografado é autor dos livros de poesia *Resgate*, *Sonhos*, *Luminescências* e *Delírios*. Participou das antologias de poesias *Em tu presença* no idioma espanhol e "In Presenta Ta" no idioma romeno, disponíveis nas plataformas digitais da Amazon nas versões Português, Inglês, Espanhol, Romeno e Francês.

Lucia Pouchain lançou o livro de contos *Aqueles de quem se fala*, pela Editora Reformatório. A autora descortina a fragilidade das relações humanas através de contos que pulsam entre o desejo e a dor. São histórias curtas e potentes sobre personagens que habitam o limite entre o que dizem e o que sentem. Através de uma escrita magnética, Lucia explora os vales profundos das memórias familiares, o peso das ausências e a ironia dos encontros casuais. www.reformatorio.com.br

Eliaana Alves Cruz foi agraciada com o Prêmio Guimarães Rosa da Academia Brasileira de Letras, melhor livro de ficção publicado em 2025, com o romance *Meridiana*. Fabricio Oliveira foi laureado com o Prêmio Manuel Bandeira de poesia, com *Noite obsce-na*; e Caetano Galindo, com o Prêmio Euclides da Cunha, com *Na ponta da língua: o nosso português da cabeça aos pés para Humanidades*.

Notícias

Telê Ancona Lopez, escritora, arquivista, professora e pesquisadora, faleceu, no dia 15 de junho, aos 87 anos. Nasceu em Ribeirão Preto (SP) em 2 de novembro de 1938. Foi Professora titular de Literatura e curadora do Arquivo Mário de Andrade no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Autora de *Mário de Andrade, cronista do modernismo: 1920-1921*, *Manuel Bandeira: Verso e Reverso*, *Macunaíma: A margem e o texto*, entre outras obras.

Ricardo Ramos Filho lançou *Vovô é uma estrela*, livro infantojuvenil ilustrado por Angelo Abu, pela Maralto Edições. A obra segue a trajetória da jogadora de futebol Lalu e sua relação com as lembranças deixadas pelo trisavô Américo, personagem inspirado no bisavô do autor. A narrativa costura temas como luto, memória, ética esportiva e igualdade de gênero.

Lídia Jorge, escritora portuguesa, foi agraciada com o Prêmio Camões de Literatura 2026. O prêmio foi criado em 1988 pelos governos português - pela Direção Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas e Secretaria de Estado da Cultura - e pelo brasileiro através da Fundação Biblioteca Nacional e Ministério da Cultura.

Antonio Alleoni Corrêa de Godoy lançou o livro de ficção científica *A Canção do Planeta Prometido*, por editora independente. O autor utiliza a fantasia, filosofia e espiritualidade para discutir polarização, intolerância e os impactos do ódio coletivo na sociedade.

Rosani Abou Adal autografou o livro *Canto do Alaúde* e participou das atividades culturais e do ato em defesa da Palestina no Armazém do Campo ABC, no dia 20 de junho, em São Caetano do Sul. O evento foi promovido pela FEPAL - Federação Árabe Palestina do Brasil, Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, Frente Palestina São Paulo, ABComité Regional Unificado em Defesa da Palestina, Núcleo Palestina SP - PT, revista Pirralha, POR - Partido Operário Revolucionário, Partido da Causa Operária, Brasil

ACAT e Comitê de Luta Palestina Livre de Rio Grande da Serra.

O Destino de Maria, de Eliana de Freitas, foi selecionado pelo PNLD Equidade para as turmas de EJA do programa do Ministério da Educação que adquire obras literárias para distribuição às escolas públicas brasileiras, ampliando o acesso dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos à literatura. Eliana de Freitas é poeta, escritora, contadora, editora, hoteleira, perita judicial, professora, estudante de Filosofia e sócia da Baderna. *O Destino de Maria*, que nasceu da indignação diante dos costumes e leis dos anos 60, 70 e 80 que oprimiam as mulheres, conta a história de duas mineiras de São João Evangelista - Maria José e Maria - e discorre sobre as escolhas, julgamentos e marcas que ainda atravessam tantas vidas. www.instagram.com/p/DaEQleCE-blv/?igsh=eDRuNXRnM3NjNzE2

A 23ª Feira do Livro da UFPR será realizada de 4 a 7 de agosto, das 9h. às 20h., no Campus da Reitoria da Universidade Federal do Paraná, Pátio do Campus Reitoria - UFPR (esquina das ruas XV de Novembro e General Carneiro), em Curitiba (PR). A feira também será realizada de forma virtual, de 8 a 10 de agosto de 2026. Informações: www.eventos-editora.ufpr.br

Raimundo Carrero - Raimundo Carrero de Barros Filho -, escritor e jornalista pernambucano, faleceu, aos 78 anos, no dia 16 de junho, em Recife (PE). Nasceu em Salgueiro (PE), no dia 20 de dezembro de 1947. Crítico literário, professor e membro da Academia Pernambucana de Letras. Foi agraciado com os prêmios José Condé do Governo de Pernambuco, Jabuti, Machado da Biblioteca Nacional e com o Troféu APCA de Melhor Romancista do Ano da Associação Paulista de Críticos de Arte. Autor de *Os segredos da ficção*, *Estão matando os meninos*, *Minha alma é irmã de Deus*, *Maçã agreste*, entre outras obras.

Heróis e heroínas da MPB - Quanto você conhece dos nossos maiores ícones musicais?, de Geraldo Leite, foi lançada pela Matrix Editora. O autor é radialista, produtor e integrante do grupo Rumo. A obra reúne 52 cartas com minibiografias e caricaturas.

Tanussi Cardoso, escritor, letrista, jornalista e crítico literário, lançará o livro de poemas *Absurdo Coração*, pela Editora Patuá, no dia 29 de julho, quarta, às 17h30, no Centro Cultural Justiça Federal, Av. Rio Branco, 241, Cinelândia, Centro, no Rio de Janeiro.

Alexei Bueno, poeta, escritor, editor, ensaísta e tradutor, faleceu no dia 27 de junho, no Rio de Janeiro. Nasceu no Rio de Janeiro em 26 de abril de 1963. Foi membro do PEN Clube do Brasil, diretor do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro e membro do Conselho Estadual de Tombamento. Foi agraciado com os prêmios da Associação Paulista dos Críticos de Arte, Jabuti, ABL de Poesia, Alphonsus de Guimaraens da Biblioteca Nacional, Candango de Literatura e Magnum opus de Poesia Completa e Traduzida. Autor de *As escadas da torre*, *A via estreita*, *Poesia reunida*, *Uma história da poesia brasileira*, *Machado, Euclides & outros monstros*, *O sono dos humildes*, *A chave quebrada*, entre outras obras.

Liz Rabello, poeta e escritora, lança *Súplica das Abelhas*, livro infantil, pela Edições Archan-gelus, ilustrado por Silmara Lopes Pires. É a convidada especial do 144º Sarau da Casa Amarela, no dia 12 de julho, domingo, a partir das 16 horas, na Rua Julião Pereira Machado, 07, São Miguel Paulista, em São Paulo. O sarau, realizado todo segundo do mês, disponibiliza microfone aberto para poetas e artistas.

A Livraria das Perdizes promoverá o lançamento dos livros *Esquerda e direita, a fé na trincheira* e *Manual do comportamento político dos evangélicos*, 2ª edição, de Gustavo Sanches e André Anéas, no dia 23 de julho, quinta, das 19 às 21 horas, na Rua Bartira, 317, Perdizes, em São Paulo.

Como desarmar o autoritarismo no Brasil: uma agenda para a desradicalização, organizado por Conrado Hübner Mendes, Fernando Romani Sales e Lucas Petroni, foi lançado pela Coleção LAUT da Tinta-da-China Brasil. Participam os autores Adriana A. Marques, Lucas Pereira Rezende, Carolina Ricardo, Samira Bueno, Celly Cook Inatomi, Paulo Eduardo Alves da Silva, Francisco Brito Cruz, Nina Santos, Ana Carolina Evangelista e Lívia Reis.